

Feminismo

## Por igualdade de direitos



“Feminismo não prega ódio, feminismo não prega a dominação das mulheres sobre os homens. Feminismo clama por igualdade, pelo fim da dominação de um gênero sobre outro. Feminismo não é o contrário de machismo. Machismo é um sistema de dominação.

Feminismo é uma luta por direitos iguais.”

Clara Averbuck, na Carta Capital

## Entrevista

# Mulheres na Política



Joka Madruga/SEEB Curitiba

## VICE-PREFEITA DE CURITIBA, MIRIAN GONÇALVES FALA DOS DESAFIOS E DA FALTA DE ESPAÇO ENFRENTADOS PELAS MULHERES

Se na Central Única dos Trabalhadores do Paraná (CUT-PR), a gestão 2015-2018 será marcada pela paridade, uma realidade muito diferente é vivenciada pelas mulheres em outras esferas políticas. Basta lembrar que 2015 também ficará marcado como o ano em que o Congresso Nacional não aprovou uma emenda que incluiria na Constituição a reserva de 10% das vagas para deputadas, senadoras e vereadoras e garantiria a maior presença de mulheres nas casas legislativas brasileiras.

Vivenciando esta experiência desde 2013, a vice-prefeita de Curitiba, Mirian Gonçalves, conversou com o Sindicato dos Bancários de Curitiba e região e apontou os principais desafios que enfrenta por ser mulher. “A reserva de 10% seria um bom começo, ao menos garantiria um mínimo de presença no Legislativo”, lamenta. Confira a entrevista:

**Folha Bancária: Qual a sua avaliação sobre a representação das mulheres brasileiras na política?**

**Mirian Gonçalves:** Ruim! Por mais que já se tenha feito, considero que os avanços têm acontecido a passos lentos. Há um descompasso entre a comunicação e o processo evolutivo. Falo em co-

municação porque, teoricamente, vencida a barreira da falta de exposição do tema, seria mais fácil a disseminação das ideias feministas, entretanto, os mesmos canais foram abertos para os preconceituosos em maior número e mais agressivos.

**F. B.: Considerando que, atualmente, 52% dos eleitores brasileiros são mulheres, mas apenas 50 dos 513 deputados federais são mulheres, o que é preciso para mudar este cenário?**

**M. G.:** A representação no Congresso Nacional é a leitura do atual momento da sociedade. Infelizmente, é notória a conversão à direita. Não se trata apenas do triunfo do conservadorismo, mas de retrocesso. Na linguagem futebolística, é “jogar para a torcida”. Os agrupamentos têm recebido apelidos nada lisonjeiros como “bancada da bala”, o que não causa qualquer constrangimento, ao contrário, sentem-se empoderados pelo “prende e arrebeta” da ditadura militar.

É nesse contexto que estão inseridos os direitos humanos e, entre eles, a libertação feminista. Não há espaço. As poucas mulheres que lá estão sofrem diariamente com o ambiente inóspito. Pior ainda se for de esquerda.

**F. B.: Qual a sua avaliação sobre a aprovação da emenda constitucional que garantiria a reserva de 10% das vagas para deputadas, senadoras e vereadoras?**

**M. G.:** É “feio” ser contra as mulheres. Daí decorreu a quota que garante o nú-

mero de candidatas. Falácia! Na formação das chapas há uma busca frenética de mulheres que aceitam ser candidatas, mesmo sem concorrer de verdade. A reserva de 10% seria um bom começo, ao menos garantiria um mínimo de presença no Legislativo.

**F. B.: Como vice-prefeita de Curitiba, representante das mulheres da capital paranaense, quais os principais desafios que você tem enfrentado?**

**M. G.:** Bom, a minha eleição estabeleceu uma certa confusão nas pessoas. Até hoje confundem vice-prefeita com primeira-dama. Nunca uma mulher havia participado do executivo curitibano. Depois, a função de vice-prefeita. O que faz? Até então, os que me antecederam tiveram uma participação restrita nas secretarias que assumiram. Vice é um substituto apenas? Não. É uma pessoa eleita que deve participar e colaborar com a administração. Como em tudo, as pequenas coisas são reveladoras. Foi difícil mudar a terminologia nos documentos de vice-prefeito para vice-prefeita (e olha que não causa tanta estranheza). Ainda é difícil assimilar a escrita do meu nome Mirian e não Miriam.

**F. B.: É possível, na sua opinião, esperar um cenário com igualdade de gênero da política brasileira no futuro?**

**M. G.:** Tempo, futuro são definições comparativas. Não sou otimista, mas quero ser surpreendida.